



CURRÍCULOS DECOLONIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL: A PRESENÇA AUSENTE DA CULTURA E HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Semana Online Científica de Educação, 1ª edição, de 25/10/2021 a 27/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-18-5

MARTINS; Samira¹

RESUMO

Neste artigo refletimos sobre a presença ausente da cultura e história afro-brasileira e africana nas práticas curriculares mesmo após a promulgação da lei nº 10.639/03 e a partir do exposto propomos novas possibilidades de construir esse saber para uma prática educativa antirracista e decolonial. O racismo ainda está presente nos currículos e nas práticas escolares, na qual a cultura e a história do povo negro é invisibilizada, refletindo diretamente na subjetividade dos alunos negros ao não se verem representados e valorizados. Por isso, é necessário que o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana seja efetivo na escola, para que os alunos se reconheçam enquanto pessoas políticas pertencentes de uma comunidade. Diante disso, tomamos como questão de pesquisa a seguinte inquietação: Como podemos repensar as práticas curriculares das escolas básicas para configurar modelos pedagógicos decoloniais, inclusivos e dissolventes da tensão conflitante entre igualdade e diferença? A metodologia adotada para esta discussão volta-se para pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. As referências teóricas que nos guiam enquadram-se no modelo epistemológico do Grupo Modernidade/Colonialidade, que discutem sobre os conceitos de interculturalidade, colonialidade do poder, do saber e do ser, os quais agem na subjetividade dos povos subalternizados (principalmente negros), inviabilizando a construção de um conhecimento outro que não o europeu (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017, WALSH 2018). Com base nas reflexões levantadas, compreendemos que há uma tendência descolonizadora nas interseções com espaços de aprendizagem que compõem o entorno das escolas tais como os museus, terreiros e comunidades quilombolas analisados como ambiências promotoras de novas possibilidades de dar voz e espaço aos saberes africanos e afrodescendentes. Nesse contexto, é urgente a valorização desses espaços de saber de modo a repensar as vozes negras que foram silenciadas e apagadas historicamente por parâmetros acadêmicos brancos, bem como reconhecer o lugar de porta-voz das suas próprias narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação decolonial, Interculturalidade, Práticas pedagógicas, Educação antirracista

¹ USP, samiraemartins@hotmail.com